

CES 2002, LAS VEGAS

A síndrome de Nova Iorque

Las Vegas sobreviveu mas está ferida de asa – literalmente. Os voos internos estão reduzidos a metade e alguns hotéis fazem preços de ocasião, sem resultados práticos. Mas o que tem de ser tem muita força, e a CES, Consumer Electronics Show, realizou-se de 8 a 11 de Janeiro com a presença dos habituais 100.000 visitantes. Todos regressaram vivos



NY, Hotel réplica de Nova Iorque

A AMÉRICA VIVE SOB O SIGNO DO TERROR. AS

medidas de segurança nos aeroportos provocam filas desesperantes e os funcionários dos Serviços de Imigração olham para os indefesos viajantes como terroristas em potência. Obrigaram-me a tirar o cinto, os sapatos, a disparar a máquina fotográfica e a iniciar o computador, não fosse ser um disfarce de bomba. «Desculpe lá, mas o computador (o deles) seleccionou-o...», explicou a simpática funcionária negra que contrastava com o ar carrancudo dos restantes. «Não gosta de nós, é?...», perguntei-lhe na brincadeira. «Não sou eu, é o Bush...», respondeu. Assim seja feita a sua vontade, se é para segurança de todos.

Mas nos E.U.A. a síndrome securitária atinge as raias da paranóia. Com o avião da America West já na pista, preparando-se para descolar, ouve-se um pedido de emergência médica:

«Se houver algum médico a bordo, precisamos de ajuda imediata».

Um dos muitos judeus a bordo, facilmente identificados pelo tradicional «quico» no alto da cabeça, levantou-se. Aparentemente, uma

senhora sentia-se mal do coração. O médico observou-a com o avião parado na pista e, feito o diagnóstico, aconselhou a que desembarcasse. Tensão arterial? Tensão nervosa? Não disse. O avião deu meia volta.

Entretanto, o comandante informa que há um passageiro a bordo sem bilhete. Parece que se tinha enganado no voo. «Isto é que é segurança, hã!», pensei. Uma outra senhora entra em pânico e exige sair também. Em cumprimento das normas de segurança, era agora necessário identificar e retirar do porão a bagagem dos que ficavam em terra. Pelo sim, pelo não, o comandante manda sair todos os passageiros e verificar toda a bagagem de mão também. Nisto se perderam duas horas e, quem sabe, ganharam-se mais uns anos de vida. Não admira que haja muito menos gente em Las Vegas.

«Temos menos 50% durante a semana e 30% ao fim-de-semana», informa-me o taxista. «Se não fosse a Convenção (CES), estávamos lixados...». Segundo os cálculos oficiais, terão visitado a CES cerca de 115.000 pessoas, na sua maioria profissionais que não

tiveram outro remédio senão ir lá para ver e mostrar as novidades. Mas talvez fossem menos. Contudo, pouca gente em Las Vegas continua a ser muita gente pelos nossos padrões. O espectáculo «Blue Man» (uma batucada infernal imprópria para ouvidos sensíveis), em cena há dois anos, estava esgotado. Os melhores casinos, como o Bellagio, estavam à pinha e era preciso fazer reserva nos bons restaurantes. Esperei dois dias para poder comer no Olives. Apenas os corredores não tinham aquele ambiente de metro em hora de ponta dos anos anteriores.

«Hotéis-casino houve que despediram 30% do pessoal, mas a coisa está a compor-se agora», alegrou-se Alex, o simpático condutor que a Wisdom Audio colocou às minhas ordens para me transportar pela cidade das mil luzes de limusina branca a cheirar a nova. Noblesse oblige: não é todos os dias que se apresenta à imprensa especializada um sistema de som de um milhão de dólares!

«Se houver outro atentado, estamos feitos», comentou benzendo-se. «Vai ser muito difícil convencer as pessoas a voltar a voar, e o

McCarran (o aeroporto de Las Vegas) já só está a trabalhar a meio-gás...».

A crise não impediu a família Maloof de abrir um novo hotel-casino, o Palms. Situado na periferia da cidade, perto do popular Rio, custou 270 milhões de dólares. Comi lá (bem) num restaurante que, de longe, me parecia Blue Algarve, mas afinal era Blue Agave. Falhei por pouco, embora achasse que uma referência ao Algarve, em Las Vegas, era fartura a mais.

A principal atracção do Palms é o «Ghostbar», no 55º andar, com uma vista deslumbrante sobre a cidade distante, e cujo chão em vidro transparente permite ver cá «muuuito» em baixo a piscina. Mesmo a beber apenas água, um tipo até fica tonto. Achei o hotel pouco alto para 55 andares (de facto, só tem 42 andares). A explicação veio depois: «Não temos o 13º andar, porque é azarado para os clientes ocidentais, e nenhum andar ou quarto começado por 4, porque é número de azar para os jogadores orientais...». Como também há cada vez mais pessoas a evitar o número 11, ainda pensei em sugerir-lhes designar os andares por cores e os quartos por símbolos como o metro de Lisboa. Ou a mandarem os clientes para Portugal. No Casino-Estorial, todos os números valem o mesmo na roda da fortuna e do azar, o 4 continua a ser parte integrante da «Série do 0» e há quem jogue no 13 só para desafiar a sorte.

Em Las Vegas, o hotel de culto, neste momento, é o New York, New York, que foi capa do «Especial CES97». E não é por causa do Coyote Bar, sempre cheio, com barmalids que cantam, dançam em cima do balcão e deitam fogo pela boca. A cerca que separa o passeio pedonal à volta da imponente réplica da estátua da Liberdade está agora coberta de ramos de flores e T-shirts com palavras de ordem: «God Bless America», «We will not forget», «Bless the NYFD» (os bombeiros de NY), «Wanted dead or alive» (com a foto sabem de quem), etc.

Profeticamente, o hotel que é composto por réplicas de alguns dos mais conhecidos edifícios e monumentos de NY, como o Empire State e o Chrysler Building, ou a Brooklyn Bridge, não contou à partida no projecto com as Twin Towers. Ainda dizem que não há coincidências...

Finda a CES2002, as filas no aeroporto faziam caracol e movimentavam-se como tal, enquanto funcionárias de luvas de borracha remexiam nas cuecas sujas dentro das malas. Como se os membros da Al-Qaeda usassem cuecas... ■